

Sumário

<i>Construindo Resiliência no Parque Imperial: Um Exemplo de Adaptação Baseada na Comunidade (ABC)</i>	1
O que é Adaptação Baseada na Comunidade?	3
Como o Projeto está sendo implementado no Parque Imperial	3
Ações de Adaptação que fortalecem a resiliência local	11
Resultados esperados	12
<i>Porque estas ações são consideradas soluções de Adaptação:</i>	12
1. Evitar o lixo jogado nos bueiros, córregos e locais inapropriados	12
2. Plantar árvores em áreas de lazer e de uso comunitário	12
3. Plantar árvores e gramíneas em barrancos	12
4. Campanhas para evitar queimadas em áreas de mata local	13
Conclusão	13
Referências	14

Construindo Resiliência no Parque Imperial: Um Exemplo de Adaptação Baseada na Comunidade (ABC)

Por Instituto Artesano

Diante dos desafios crescentes impostos pelas mudanças climáticas, comunidades urbanas periféricas vêm buscando soluções inovadoras para fortalecer sua resiliência e garantir o bem-estar de seus moradores. É com esse objetivo que o Instituto Artesano juntamente com o CEPAC – Associação para Proteção das Crianças e Adolescentes, vêm implementando, no bairro Parque Imperial, Barueri (Região Metropolitana de São Paulo), um projeto estruturado com base na Adaptação Baseada na Comunidade (ABC) — uma abordagem reconhecida internacionalmente por valorizar o protagonismo local na construção de soluções em resposta à adaptação das comunidades aos desastres climáticos.

O Parque Imperial



Imagem: Imagem do Parque Imperial

O Parque Imperial em Barueri, São Paulo, é um dos maiores e mais populosos bairros da cidade, com cerca de 30 mil habitantes. O nome do bairro originou-se de uma família com ligações com o local, a "família Imperial", que possuía um sítio na região, a antiga Fazenda Recreio. O bairro se formou a partir do loteamento e ocupação dessas terras a partir de 1982.

A infraestrutura local é marcada por moradias populares, sob o viés da urbanização informal, com redes de drenagem e pavimentação incompletas, refletindo um quadro comum em bairros periféricos da região metropolitana de São Paulo

A grande maioria da comunidade é composta por famílias de baixa renda, para as quais os programas de assistência social, geridos pelos órgãos municipais (como o CRAS), são fundamentais

Possuem baixa reserva econômica e vulnerabilidade acentuada a eventos climáticos extremos como chuvas intensas, alagamentos e deslizamentos.

O **CRAS Parque Imperial** foi estruturado para atender diretamente essa parcela da população mais vulnerável, oferecendo assistência social, ações educativas e capacitações, como cursos de geração de renda.

O que é Adaptação Baseada na Comunidade?

A metodologia ABC foi desenvolvida por instituições como o International Institute for Environment and Development (IIED) e a plataforma weADAPT, e que tem sido cada vez mais aplicada em contextos urbanos e rurais ao redor do mundo. Seu foco é claro: fortalecer a resiliência de comunidades vulneráveis através de processos participativos, que colocam os próprios moradores como agentes centrais do diagnóstico, planejamento e implementação de ações de adaptação (Reid et al., 2009; CARE, 2010; IPCC, 2022).

Como o Projeto está sendo implementado no Parque Imperial

O Instituto Artesano iniciou o processo em abril de 2025, seguindo uma série de etapas participativas.

“Este projeto é inovador na região Sul, atualmente só existe uma iniciativa desta categoria de Adaptação Baseada na Comunidade, efetivada que é na cidade de Recife. Para nós é algo muito especial e importante, visto que cada vez mais os desastres naturais ficam mais frequentes, e que as comunidades mais vulneráveis são as mais afetadas. Quando falamos sobre os planos de clima, um estudo de 2025, mostra que o engajamento comunitário é uma lacuna importante nos planos de clima já desenvolvidos, e quando olhamos para este formato de trabalho, onde a própria comunidade mapeia suas vulnerabilidades e planeja o que pode ser feito para aumentar a sua resiliência, é transformador”, afirma Monica Picavea, diretora do Instituto Artesano.

“Foram 5 meses de preparação, porque de nada adianta fazer as ações e não deixar esta capacidade instalada na comunidade. Hoje, esses jovens já conseguem diagnosticar as vulnerabilidades locais, planejar e criar ações para resolver as questões importantes. Pode não ser a solução, mas é um passo em busca do protagonismo para a justiça climática”, completa Monica.

Veja como foi desenvolvido o projeto a seguir:

1. Oficina de Letramento climático, compreendendo a atual crise climática.



Imagem: Oficina de Planos de Adaptação Climática das Cidades e a atual crise climática.

2. Engajamento Comunitário: Diálogos com moradores e lideranças locais, culminando na formação de um núcleo de educadores comunitários.



Imagem: Uma das ações de mobilização de lideranças locais

3. Envolvimento da Juventude: Encontros com jovens do Projeto Protagonista para introduzir conceitos de mudanças climáticas e ABC.
4. . Diagnóstico Participativo: Mapeamento coletivo de vulnerabilidades, riscos e pontos fortes do território.



Imagem: Jovens mapeando as vulnerabilidades do território

5. Capacitação Local: Oficinas, rodas de conversa e cursos voltados às necessidades identificadas.



Imagem: Capacitação com Arquiteta e visita ao local onde será a intervenção

6. Planejamento e Priorização: Definição conjunta das ações que serão implementadas.



Imagem: Priorização das ações na comunidade e planejamento da intervenção

7. Shark Tank

Após a priorização e definição dos projetos a serem desenvolvidos, os jovens prepararam uma apresentação para fazer aos CEOs da empresa Artesano Urbanismo, em busca de financiamento para a realização das ações previstas para a praça.

No dia 28 de julho aconteceu o que chamamos de Shark Tank, em menção ao programa onde os empreendedores apresentam seus projetos para que os empresários financiem, ou não.

Os jovens apresentaram os projetos que pretendem implantar para Anna Rolim gerente de projetos da Artesano Urbanismo e Bruno Campana Diretor de Novos Negócios da Artesano Urbanismo, e conseguiram o financiamento total de R\$ 5900,00.



8. Implementação Comunitária: Execução direta das soluções com apoio técnico.
Para que este projeto fosse efetivado foram necessários:
Articulação:

- a) Suporte do poder público, junto à secretaria de Meio Ambiente, que disponibilizou um engenheiro florestal para a vistoria em área pública e definição das espécies a serem plantadas no local, de acordo com o guia de arborização urbana da cidade/
- b) Suporte da SSM (Secretaria de Serviços Municipais, responsável pela coleta e gestão dos resíduos sólidos), com o recolhimento do lixo disposto incorretamente no local, bem como com o aumento do número de caçambas de lixo no local. De 3 foram para 5 caçambas.
- c) Suporte da mesma SSM: pintura de base da parede do escadão a ser decorado no dia da ação.
- d) Doação das mudas de grande porte pelo Viveiro Municipal.
- e) Suporte dos coletivos de pintura de grafite do bairro para a pintura do escadão e legitimação das ilustrações nos locais escolhidos (Vale lembrar que para que haja manutenção dos trabalhos é necessário ter a legitimação dos grupos do bairro, que não permitem que se interfira na arte de outros grupos, e nem da participação de grupos que não sejam locais)

Ativação

- a) Conversa com os moradores do entorno sobre o que seria interessante colocar na praça para que ficasse mais agradável para eles.
- b) Envolvimento no cuidado à disposição dos resíduos nos locais adequados, bem como a sensibilização dos demais moradores que descartam seu lixo no local.

Instalação e implementação

- a) Colocação de lixeiras menores para os resíduos pequenos dos usuários da praça.
- b) Acréscimo de um banco e reforma dos bancos já existentes.
- c) Abertura dos Buracos e plantio de 25 árvores na praça
- d) Abertura dos Buracos e plantio de 12 arbustos, ao longo do muro paralelo ao barranco, dando continuidade ao paisagismo já existente.
- e) Busca e carreto das mudas a partir do Viveiro Municipal.
- f) Filmagem e documentação de todo o processo para servir de base para ações em outros bairros.
- g) Documentário realizado pelos participantes do Protagonistas sobre o lixo no bairro, sua disposição e a importância de se dispor este lixo nos locais adequados, prevenindo desde a criação de vetores de doenças até a obstrução dos bueiros e enchentes nos locais.
- h) Pintura e decoração das paredes do escadão, com a participação dos moradores e dos coletivos de grafiteiros e pintores do bairro.
- i) Confecção e Instalação de 20 pingadeiras de material reciclável utilizada para a rega das árvores recém-plantadas.
- j) Limpeza final do lixo no local, junto com sensibilização da população para não jogar o lixo naquela área e evitar a queima de resíduos, que causa os incêndios na região.

Ação Dia 16 de agosto







9. Monitoramento e Aprendizado: Sistema de avaliação liderado pela própria comunidade

Ações de Adaptação que fortalecem a resiliência local

As ações priorizadas incluem:

- Prevenção ao descarte irregular de lixo, visando reduzir alagamentos.
- Plantio de árvores e gramíneas em encostas, para evitar erosões e deslizamentos.

- Reflorestamento urbano em áreas de lazer, combatendo ilhas de calor.
- Campanhas contra queimadas em áreas de mata remanescente.

Essas estratégias são consideradas exemplos clássicos de soluções baseadas na natureza e em conhecimento local, altamente recomendadas por organismos internacionais para contextos urbanos vulneráveis (UN-Habitat, 2021; IPCC, 2022).

Resultados esperados

O projeto busca mais do que obras ou intervenções pontuais. O foco é construir capacidades adaptativas duradouras, com governança local fortalecida, participação contínua e autonomia para enfrentar os impactos climáticos.

Mais do que se adaptar ao clima, trata-se de reinventar a relação com o território de forma sustentável, solidária e justa.

Porque estas ações são consideradas soluções de Adaptação:

1. Evitar o lixo jogado nos bueiros, córregos e locais inapropriados

Por que é adaptação?

Reduz o risco de alagamentos e inundações — eventos extremos que tendem a se tornar mais frequentes e intensos com as mudanças climáticas.

Ajuda a manter o escoamento das águas pluviais, evitando transbordamentos e deslizamentos.

Por que é resiliência?

Diminui os danos causados por chuvas intensas, protegendo moradias e infraestrutura precária.

2. Plantar árvores em áreas de lazer e de uso comunitário

Por que é adaptação?

Árvores aumentam a cobertura vegetal, reduzem a temperatura local (combatendo ilhas de calor), e promovem sombreamento em áreas de lazer.

Melhoram a qualidade do ar e o conforto térmico, especialmente importante em comunidades com baixa arborização.

Por que é resiliência?

Promove espaços de bem-estar mesmo em situações de estresse térmico extremo, criando zonas de refúgio térmico.

3. Plantar árvores e gramíneas em barrancos

Por que é adaptação?

As raízes estabilizam o solo e evitam erosões, que se tornam mais comuns com chuvas intensas e irregulares.

Por que é resiliência?

Reduz o risco de deslizamentos, protegendo vidas e construções vulneráveis.

4. Campanhas para evitar queimadas em áreas de mata local

Por que é adaptação?

Reduz a emissão de gases de efeito estufa (ao evitar queimadas), contribuindo para mitigar o agravamento das mudanças climáticas.

Por que é resiliência?

Preserva a vegetação nativa, que funciona como barreira natural contra enchentes, deslizamentos e ondas de calor.

Evita problemas de saúde associados à poluição do ar por fumaça — que afeta especialmente crianças e idosos.

Conclusão

Essas ações:

São de baixo custo e alto impacto local, essenciais em contextos de vulnerabilidade social.

Fortalecem a capacidade adaptativa da comunidade, permitindo lidar melhor com os efeitos atuais e futuros das mudanças climáticas.

Estão alinhadas com os princípios da **Adaptação Baseada na Comunidade (ABC)** e da **infraestrutura verde**, que valorizam soluções integradas, naturais e com participação local.

1. Matriz de Soluções Climáticas Comunitárias				
Foco: Adaptação Baseada na Comunidade (ABC) em favelas ou comunidades periféricas				
Ação Comunitária	Objetivo Climático	Co-benefícios	Tipo de Solução	Indicadores
Evitar descarte de lixo em bueiros, córregos e ruas	Reduzir risco de alagamentos e entupimentos	Melhoria da saúde pública; redução de vetores de doenças; valorização do espaço urbano	Educação e gestão comunitária de resíduos	Nº de ações educativas; redução de pontos de descarte irregular; manutenção de bueiros
Plantio de árvores em áreas de lazer	Reduzir ilhas de calor; aumentar conforto térmico	Sombreamento para lazer e exercício; estética urbana; aumento de biodiversidade	Solução baseada na natureza (SbN)	Nº de árvores plantadas; temperatura média das áreas sombreadas
Plantio de árvores e gramíneas em encostas e barrancos	Reduzir erosão e risco de deslizamentos	Preservação do solo; proteção de moradias; segurança	SbN + gestão de risco	Redução de áreas de risco; estabilidade de taludes
Campanhas contra queimadas	Prevenir degradação de vegetação e emissão de GEE	Preservação da saúde respiratória; conservação da biodiversidade local	Educação ambiental + mitigação	Nº de focos de queimadas evitados; nº de campanhas realizadas

Referências

- CARE International. (2010). Toolkit for Community-Based Adaptation (CBA).
- IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change. (2022). Sixth Assessment Report – WGII: Impacts, Adaptation and Vulnerability.
- Reid, H., Alam, M., Berger, R., Cannon, T., Milligan, A., & Rahman, A. (2009). Community-based adaptation to climate change: An overview. IIED.
- UN-Habitat. (2021). Enhancing Urban Climate Change Resilience: Community-Based Approaches.
- weADAPT. (s.d.). Community-Based Adaptation. Disponível em: <https://www.weadapt.org>

ANEXO: Placas com rimas criadas por eles, e depois de projeto de Design.

